

ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS

Cap Eng DEVSON FERNANDO SOARES LIMA

**AS OPERAÇÕES PSICOLÓGICAS NO CONTEXTO DAS OPERAÇÕES DE
INFORMAÇÃO: A CAMPANHA MILITAR NO AFEGANISTÃO DE 2001 A 2010**

Rio de Janeiro

2021

Cap Eng DEVSON FERNANDO SOARES LIMA

**AS OPERAÇÕES PSICOLÓGICAS NO CONTEXTO DAS OPERAÇÕES DE
INFORMAÇÃO: A CAMPANHA MILITAR NO AFGANISTÃO DE 2001 A 2010**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Escola de Aperfeiçoamento
de Oficiais como requisito parcial para a
obtenção do grau de especialização em
Ciências Militares.

Orientador: Maj Eng José Maurício Neto

Rio de Janeiro

2021

Ficha catalográfica elaborada pelo
Bibliotecário Márcio Finamor CRB7/6699

L732o
2021

Lima, Deivson Fernando Soares

As operações psicológicas no contexto das operações de informação: a campanha militar no Afeganistão de 2001 a 2010 / Deivson Fernando Soares Lima. – 2021.

46 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ciência Militares, com ênfase em Gestão Operacional) – Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, Rio de Janeiro, 2021.

1. Operações de informação. 2. Operações psicológicas. 3. Afeganistão. I. Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais II. Título.

CDD: 355.1

Cap Eng DEVSON FERNANDO SOARES LIMA

**AS OPERAÇÕES PSICOLÓGICAS NO CONTEXTO DAS OPERAÇÕES DE
INFORMAÇÃO: A CAMPANHA MILITAR NO AFGANISTÃO DE 2001 A 2010**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Escola de Aperfeiçoamento
de Oficiais como requisito parcial para a
obtenção do grau de especialização em
Ciências Militares.

Aprovado em ___/___/___

COMISSÃO DE AVALIAÇÃO

José Maurício Neto – Maj

Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais do Exército
Presidente

Marcos Rodrigo Fischer Prado – Maj

Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais do Exército
Membro

RESUMO

O advento da era do conhecimento modificou sobremaneira o espaço de batalha, o que fez das Operações de Informação, um ator importante durante a Campanha Militar Ocidental no Afegânistão na primeira década do século XXI. Dentro do escopo das Operações de Informações se sobressaiu o emprego das Operações Psicológicas, que tendo seus esforços coordenados com outras Capacidades Relacionadas à Informação (CRI) conseguiram influenciar sobremaneira a dimensão humana e informacional inerente ao teatro de operações afegão. No tocante a isso foram envidados esforços para averiguar possíveis fatores que afetaram negativamente a eficiência das operações dessa natureza entre 2001 e 2010. Nesse sentido, por intermédio de uma pesquisa aplicada, qualitativa e de cunho indutivo se procedeu uma análise documental e bibliográfica das principais fontes sobre o tema com o intuito de identificar as oportunidades de melhoria que dificultaram o alcance dos principais objetivos psicológicos estabelecidos. A análise dos problemas que levaram a uma atuação ineficiente das Operações Psicológicas em solo afegão pode servir de subsídio profícuo visando a melhorias de processos em futuras abordagens operacionais da guerra moderna. O presente trabalho acadêmico resultou na caracterização de algumas oportunidades de melhoria, que podem ser utilizadas como parâmetros para aprimorar os processos de implementação e condução de Operações Psicológicas em meio a uma Operação de Informação, a saber, dentre outras: a) deficiência na integração entre as Operações Psicológicas e as demais Capacidades Relacionadas à Informação, sobretudo com a Comunicação Social, sob a égide das Operações de Informação; b) falta de conhecimento do terreno humano; c) ausência de quantidade suficiente de pessoal especializado para coordenar, conduzir e confeccionar produtos de OI/Operações Psicológicas; d) desconhecimento por parte dos Comandantes Operacionais sobre o tema e a dificuldade destes em vislumbrar os benefícios das Operações de Informação e das Operações Psicológicas em prol da consecução dos objetivos cinéticos.

Palavras-chave: operações de informação, operações psicológicas, Afeganistão

ABSTRACTO

El advenimiento de la Era del Conocimiento cambió enormemente el espacio de la batalla, lo que convirtió a las Operaciones de Información en un actor importante durante la Campaña Militar Occidental en Afganistán en la primera década del siglo XXI. Dentro del ámbito de las Operaciones de Información, se destacó el uso de Operaciones Psicológicas, que coordinando sus esfuerzos con otras Capacidades Relacionadas con la Información (CRI) logró influir en gran medida en la dimensión humana e informativa inherente al teatro de operaciones afgano. En este sentido, se buscó investigar posibles factores que incidieron negativamente en la eficiencia de operaciones de esta naturaleza entre 2001 y 2010. En este sentido, a través de una investigación de carácter aplicado, cualitativo e inductivo, se realizó un análisis documental y bibliográfico de las principales fuentes. sobre el tema con el fin de identificar oportunidades de mejora que dificultaran el logro de las principales metas psicológicas establecidas. El análisis de los problemas que llevaron a un desempeño ineficiente de las Operaciones Psicológicas en suelo afgano puede servir como un subsidio útil para mejorar los procesos en los enfoques operativos futuros de la guerra moderna. El presente trabajo académico resultó en la caracterización de algunas oportunidades de mejora, las cuales pueden ser utilizadas como parámetros para mejorar los procesos de implementación y conducción de Operaciones Psicológicas en medio de una Operación de Información, a saber, entre otras: a) deficiencia en la integración entre Operaciones psicológicas y otras capacidades relacionadas con la información, especialmente con la comunicación social, bajo la égida de las operaciones de información; b) falta de conocimiento del campo humano c) falta de personal especializado suficiente para coordinar, conducir y fabricar productos de IO / Operaciones Psicológicas, d) desconocimiento por parte de los comandantes operacionales sobre el tema y su dificultad para vislumbrar los beneficios de las Operaciones de Información y Operaciones Psicológicas a favor de la consecución de objetivos cinéticos.

Palabras clave: operaciones de información, operaciones psicológicas, Afganistán

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	07
1.1 PROBLEMA.....	08
1.1.1 Antecedentes do Problema.....	08
1.1.2 Formulação do Problema.....	10
1.2 OBJETIVOS.....	10
1.2.1 Objetivo Geral.....	10
1.2.2 Objetivos Específicos.....	11
1.3 QUESTÕES DE ESTUDO.....	11
1.4 METODOLOGIA.....	11
1.4.1 Objeto formal de estudo.....	11
1.4.2 Amostra.....	12
1.4.3 Delineamento da pesquisa.....	12
1.4.4 Procedimentos para revisão da literatura	12
1.4.5 Procedimentos Metodológicos.....	13
1.4.6 Instrumentos.....	14
1.4.7 Análise de dados.....	14
1.5 JUSTIFICATIVA.....	15
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	17
2.1 Ambiente Operacional Contemporâneo e a Dimensão Informacional.....	17
2.2 As Operações de Informação e as Operações Psicológicas.....	17
2.3 Ambiente Operacional.....	21
2.4 As Operações de Informação e as Operações Psicológicas desenvolvidas em solo afegão.....	23
2.5 Problemas relativos à eficiência das Operações de Informação e das Operações Psicológicas.....	26
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	37
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS E SUGESTÕES.....	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	42

1. INTRODUÇÃO

Ao longo da história o homem vem desenvolvendo técnicas e procedimentos com vistas a potencializar seu poder de combate e deteriorar o do inimigo atuando diretamente sobre o moral da tropa ou na aquiescência dos povos na área de operações. Desse viés surgiu as Operações Psicológicas.

A obra a Arte da Guerra, de cerca de 2.500 A.C, já fazia menções indiretas a conceitos relacionados ao emprego das Operações Psicológicas quando considerava ser mais importante quebrar a resistência do inimigo sem lutar ao invés de dar início a batalhas imemoráveis (TZU, 2006).

A guerra psicológica não é algo novo, sempre foi usada, porém com o desenvolvimento da ciência, ela foi teorizada e foi possível aplica-la com mais consciência graças ao surgimento de novas tecnologias de comunicação. Os vikings e os mongóis espalhavam boatos e histórias sobre a ferocidade para intimidar seus oponentes antes de enfrentar a batalha; os romanos usaram a derrota humilhante de Cartago para alertar sobre o que significava enfrentar Roma, e assim foi definida como paz cartaginesa a paz imposta após a humilhação na derrota. Era uma mensagem psicológica clara aqueles que tiveram a audácia de se levantar contra Roma (RODRIGUEZ, 2020, p. 90).

O advento da “Era do Conhecimento” caracterizado pelo desenvolvimento da rede mundial de computadores, a popularização de múltiplos meios de comunicação de massa bem como a consecução de conquistas tecnológicas notáveis levaram Exércitos ao longo do mundo a fazer uso das Operações de Informação, base doutrinária que visa integrar os esforços de diversas capacidades relacionadas com a manipulação do ambiente informacional e humano, como a cibernética, a guerra eletrônica, as operações psicológicas, a comunicação social, dentre outras, em prol de objetivos militares preconizados.

Como exemplo, Rodriguez (2020) assevera que durante a primeira guerra do Golfo Pérsico (Operação Escudo do Deserto) o 4º grupo de operações psicológicas lançou 29 milhões de panfletos às forças iraquianas a fim de incentivar a deserção nas fileiras do Exército de Saddam Hussein. Ao mesmo tempo, um programa de rádio chamado “*The Voice of the Gulf*” bombardeava as

tropas iraquianas com mensagens de felicidade de supostos soldados iraquianos desertores e propagou a afabilidade com o Islam além de divulgar uma lista de lugares a serem arrasados com bombas no dia seguinte; 75% dos desertores disseram que desertaram influenciados por panfletos e rádio (RODRIGUEZ, 2020, p. 97).

Com os ataques de 11 de setembro de 2001, perpetrados pela Al Qaeda, os Estados Unidos iniciaram uma longa campanha de guerra no oriente médio com a invasão do Afeganistão, e com o apoio da OTAN, retirou o Taleban do poder comprometendo temporariamente a influência da Al Qaeda no país. No escopo desses esforços as operações de informação foram amplamente desencadeadas visando proporcionar melhores condições para o atingimento do Estado final desejado junto das operações cinéticas.

Nesse sentido, segundo Arturo Munhoz (2012), os principais objetivos preconizados pela coalizão de países ocidentais capitaneada pelos Estados Unidos foram, a saber: a) retirar o Taleban do poder e; b) proporcionar ajuda ao novo governo afegão em fortalecer sua autoridade e influência por todo o país, pavimentando o caminho para a reconstrução da nação e a consecução de uma governança eficaz.

Contudo, o presente estudo, em suma, visou caracterizar os aspectos que influenciaram a eficiência das Operações Psicológicas no âmbito das Operações de Informação desenvolvidas pelos países da coalizão ocidental, em busca da consecução dos objetivos políticos, elencados acima, durante a campanha militar no Afeganistão de 2001 a 2010.

1.1 PROBLEMA

1.1.1 Antecedentes do Problema

Desde a antiguidade as forças militares vêm utilizando diversas formas de potencializar seu poder de combate por intermédio da manipulação de técnicas e procedimentos que incidam diretamente no comportamento de seus combatentes ou de seus adversários perpetrando uma verdadeira “guerra psicológica”: o manejo eficiente de emoções, percepções e atitudes tem sido de

fundamental importância para o sucesso dessa empreitada.

Conforme aponta o Cel Fábio Ivar Cavalcante de Albuquerque:

A guerra psicológica tem sido empregada desde os primórdios da humanidade. A violência extrema foi a arma mais eficaz utilizada pelos antigos exércitos. O medo foi o aliado mais poderoso dos persas, romanos, cartagineses e mongóis, dentre outros povos conquistadores. Sun Tzu, estrategista chinês, produziu o mais antigo documento conhecido abordando as questões que envolvem estratégias de campanha. Gêngis Khan foi outro chefe militar que se utilizou da imposição do medo para alcançar seus objetivos. No Brasil, Caxias foi o maior exemplo de comandante que entendeu a importância e soube bem empregar as técnicas de Operações Psicológicas (ALBUQUERQUE, 2017, p. 19).

Com o passar do tempo, a dimensão informacional, assumiu conotações cada vez mais complexas por intermédio do rápido avanço tecnológico fazendo com que outras Capacidades Relacionadas à Informação (guerra eletrônica, cibernética etc) ganhassem importância como atores influentes na luta pela obtenção da superioridade da informação no âmbito operacional contemporâneo. Tal paradigma criou a necessidade da consecução de uma estrutura de coordenação e controle que pudesse sistematizar de forma metodológica os esforços no campo informacional visando o efeito final desejado. Daí surgiu o conceito doutrinário das Operações de Informação:

Diante do ambiente operacional em contínua transformação, onde a tecnologia infunde, na área da informação, junto à sociedade, mudanças cada vez mais rápidas, as Operações de Informação (Op Info) passam a ser uma aptidão essencial como instrumento integrador de capacidades relacionadas à informação, reunindo diversos vetores destinados a informar audiências amigas e influenciar públicos-alvo adversários e neutros, nas Operações no Amplo Espectro. Tais capacidades também se destinam a desgastar a tomada de decisão de potenciais oponentes, degradando a sua liberdade de ação, ao mesmo tempo protegendo o nosso processo decisório, visando, ainda, a evitar, impedir ou neutralizar os efeitos das ações adversárias na Dimensão Informacional (BRASIL, 2014b, p. 2-7).

Albuquerque (2017) relata a organização recente da atividade de Operações Psicológicas no âmbito da Força Terrestre e reforça que seria uma oportunidade de melhoria, em um panorama desafiador, a busca pela integração eficiente em relação às operações de Informação bem como as demais Capacidades Relacionadas à

Informação:

No EB, a atividade de Op Psi vem recebendo atenção especial nos últimos anos por meio do estabelecimento de base doutrinária, estruturação sistêmica, criação de funções e cursos, além da implantação de organizações militares. Recentemente a dinâmica dos fatos verificados no panorama social brasileiro vem impondo desafios a essa incipiente estrutura. Entre as questões mais desafiadoras estão a forma ideal de integração nos níveis estratégico, operacional e tático dos meios de Op Psi, além da sua interoperabilidade com as demais capacidades relacionadas à informação (CRI), como a inteligência, a guerra cibernética, a guerra eletrônica, entre outras (ALBUQUERQUE, 2017, p. 65).

Nesse sentido o ambiente operacional que se vislumbra no conflito do Afeganistão é próprio de um cenário de guerra moderno, típico da era do conhecimento, caracterizado pelo amplo espectro das operações e disputado em todas as dimensões (física, humana e informacional). Essas características fazem com que a análise das oportunidades de melhoria na atuação das Operações Psicológicas no âmbito das Operações de Informação sejam de suma importância para futuras operações militares.

1.1.2 Formulação do Problema

Que circunstâncias afetaram negativamente a eficiência das operações psicológicas no âmbito das operações de informação desenvolvidas pela coalizão de países ocidentais no Afeganistão de 2001 a 2010.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

O presente estudo visou identificar e analisar eventuais oportunidades de melhoria, relacionados aos aspectos organizacionais e forma de emprego, que afetaram a eficiência das Operações Psicológicas no âmbito das Operações de Informações desenvolvidas pela Coalizão de Países Ocidentais no

Afeganistão de 2001 a 2010.

1.2.2 Objetivos Específicos

Com o intuito de tornar exequível o objetivo geral do estudo foram desenvolvidos os seguintes objetivos específicos:

- a. Identificar os principais objetivos psicológicos estabelecidos;
- b. Identificar os fatores que interferiram de forma negativa nas campanhas psicológicas desenvolvidas no âmbito das Operações de Informação; e
- c. Caracterizar os fatores que interferiram de forma negativa nas campanhas psicológicas desenvolvidas no âmbito das Operações de Informação.

1.3 Questões de estudo

Com o intuito de solucionar o problema apresentado foram levantadas as seguintes questões de estudo: a) quais os principais objetivos psicológicos estabelecidos; b) quais os fatores que afetaram a eficiência das operações psicológicas; c) como esses fatores afetaram a eficiência das operações psicológicas.

1.4 METODOLOGIA

1.4.1 Objeto formal de estudo

No que tange aos aspectos organizacionais e a forma de emprego das Operações Psicológicas, variável independente, foi analisada a forma de apoio operacional prestada, no âmbito das Operações de Informações conduzidas pela coalizão de países ocidentais de 2001 a 2010.

Em relação à eficiência das operações psicológicas no âmbito das Operações de Informação, variável dependente, buscou-se identificar os fatores que pudessem interferir na consecução das campanhas Psicológicas de acordo com os objetivos preconizados.

1.4.2 Amostra

O estudo foi conduzido por intermédio da análise bibliográfica e documental de impressões fornecidas por militares e analistas sobre a campanha militar conduzida pela coalizão ocidental no Afegansitão durante a primeira década do século XXI.

1.4.3 Delineamento da pesquisa

O tipo de pesquisa adotada foi a modalidade aplicada por focar na aquisição de conhecimentos que poderiam servir de subsídio para aumentar a efetividade das operações psicológicas no âmbito de uma operação de informação a partir da caracterização de aspectos organizacionais e doutrinários que quando postos em prática estejam diminuindo essa efetividade. Para tanto o método de escolha foi o indutivo.

1.4.4 Procedimentos para revisão da literatura

Foi realizado o levantamento literário do que há de mais atual sobre o tema de forma a trazer à tona uma abordagem atualizada da problemática levantada, segundo critérios de inclusão. Para tanto, ao longo da pesquisa bibliográfica, se buscou um levantamento prévio de conceitos, teorias e relatos com a finalidade de responder às questões de estudo propostas.

A princípio foram realizados fichamentos das principais obras que tratavam sobre as questões levantadas criando assim uma base de dados a serem analisadas.

Em ambiente virtual se optou por buscas de termos como: operações psicológicas e operações de informação, desafios das operações de informação e das operações psicológicas no Afeganistão, ambiente operacional afegão, o emprego de operações de informação e de operações psicológicas no teatro de operações do Afeganistão, bem como outros termos contendo outras palavras-chave relacionadas à eficiência das operações de informação e das operações psicológicas no Afeganistão.

Da mesma forma foram realizadas buscas no banco de trabalhos monográficos da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais que atendessem aos pressupostos acima elencados.

Posteriormente foi estabelecido um protocolo de revisão retirando do rol de documentos levantados, segundo critérios de exclusão, aqueles que se mostraram irrelevantes, contrários a doutrina, desatualizados frente a outras fontes de informação e que porventura tratassem de ações fora do espaço temporal preconizado.

Por fim foram implementadas a comparação, a análise e a organização dos principais matizes e dos pontos levantados pelos autores e suas conclusões que levassem a consecução das questões de estudo.

1.4.5 Procedimentos Metodológicos

O esforço exploratório teve início com o fichamento de obras, artigos em revistas especializadas e manuais doutrinários relativos à atividade de Operações Psicológicas e de Operações de Informação, buscando elucidar suas peculiaridades

organizacionais e formas de emprego durante as operações militares desenvolvidas no Afeganistão. A partir deste ponto foram envidados esforços para analisar documentos produzidos por especialistas sobre a intervenção da coalizão de países ocidentais, particularmente das forças armadas dos Estados Unidos da América, naquele país asiático, de forma a estabelecer uma interface do apoio de operações psicológicas sobre a égide das operações de informação.

Foi adotado como critério de inclusão a análise de material bibliográfico atinente à doutrina de Operações Psicológicas e das Operações de Informação praticadas pelas Forças Armadas de países Ocidentais, que fizessem alusão ao período de 2001 a 2010, uma vez que materializam as principais influências sobre a doutrina de organização e emprego do Exército Brasileiro. Por sua vez foram excluídos do referido estudo compêndios que abordassem o tema a luz de doutrina de Forças Armadas fora do âmbito Ocidental ou que se referissem a período diverso do espaço temporal predeterminado.

1.4.6 Instrumentos

Por utilizar uma abordagem qualitativa, os esforços para a obtenção de dados foram voltados à análise bibliográfica, com o intuito de ter acesso aos conhecimentos teóricos e empíricos relacionados ao tema como obras literárias, trabalhos acadêmicos e de artigos em meio à rede mundial de computadores.

1.4.7 Análise dos Dados

Após o cruzamento dos dados obtidos através da pesquisa exploratória, bibliográfica e documental a respeito da estrutura organizacional das operações psicológicas da coalizão de países ocidentais, de 2001 a 2010, sob os auspícios das opções de informação, sobreveio o aporte conceitual e argumentativo de

que aspectos organizacionais, dentre outros fatores, estariam prejudicando a consecução da efetividade desejada quando das campanhas psicológicas.

Sendo assim se buscou relatos, de forma mais profunda, de militares que participaram de operações com características semelhantes através da visualização de trabalhos acadêmicos com vistas a colher indícios que auxiliassem a resolução das questões de estudo levantadas.

Contudo, se verificou que de fato existiam indícios contundentes de que problemas organizacionais das Operações Psicológicas dificultaram seu emprego, de forma mais eficiente, quando de sua interface com as Operações de Informação, ao longo de operações militares desenvolvidas pelos países da coalizão ocidental no conflito em terras afegãs. Isso despertou o interesse para conduzir uma averiguação junto a fontes bibliográficas que caracterizassem a experiência das forças militares da coalizão na condução de operações desta natureza.

1.5 JUSTIFICATIVAS

Enquanto o aspecto físico é visto pela maioria dos militares como o meio mais representativo onde se desenrola o fenômeno da guerra, o conflito armado no sentido mais amplo também se desenvolve por intermédio de política, ações econômicas que influenciam diretamente no campo informacional. Nesse sentido as operações psicológicas perfazem o meio que o comandante nos diversos níveis pode fazer uso a fim de compreender e afetar os outros planos de guerra.

Nos últimos anos, o Exército Brasileiro tem dado relevante importância ao desenvolvimento de sua capacidade de conduzir operações de informação como forma de se adequar aos novos cenários apresentados pela guerra moderna que tem colocado o ambiente informacional como nova dimensão do campo de batalha, principalmente em conflitos de amplo espectro, de quarta geração.

Logo, a busca por tornar o emprego mais eficiente das operações psicológicas, uma das capacidades relacionadas à informação, contribui para potencializar o efeito final desejado na condução de uma operação militar em plena Era do Conhecimento, de características multidimensionais.

Ao propor identificar e caracterizar os aspectos organizacionais e a forma de emprego que afetaram a eficiência das operações psicológicas no âmbito das operações de informações, empregadas pelos países da coalizão no Afeganistão de 2001 a 2010, por intermédio da resolução das questões de estudo, procurou-se levantar eventuais oportunidades de melhoria e lições aprendidas que possam servir de subsídio para adoção de melhores práticas e sugestões de otimização doutrinária pátria. Portanto, o presente estudo se justifica pela necessidade constante pela busca de aprimoramento da capacidade da força terrestre em intervir na dimensão informacional e no terreno humano, indispensável em qualquer conflito moderno.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 AMBIENTE OPERACIONAL CONTEMPORÂNEO E A DIMENSÃO INFORMACIONAL

O ambiente operacional contemporâneo, na era do conhecimento, é marcado pelo desenvolvimento e popularização das Tecnologias da Informação e Comunicações (TIC) alocando em muitas ocasiões a opinião pública como o centro de gravidade das operações militares. Vale (2017) em seus estudos caracterizou bem o ambiente operacional contemporâneo:

O rápido desenvolvimento das Tecnologias de Informação e Comunicações (TIC), a inclusão digital de parcelas cada vez maiores da população e a tendência ao fortalecimento das relações sociais via internet tornam esse ambiente um campo de batalha em constante evolução. As mídias sociais,

por meio de suas publicações, reportagens e até mesmo comentários, afetam a percepção que os indivíduos possuem dos fatos ocorridos, sendo a disputa por essa narrativa hegemônica, a qual forma a tão famigerada “opinião pública”, uma batalha cruenta nas redes digitais (VALE, 2017, p. 1).

Na conjuntura atual das operações militares são conduzidas em três dimensões: física, humana e informacional (BRASIL, 2014a).

Por sua vez a Doutrina Militar Terrestre em voga preconiza que a atuação exitosa na dimensão Informacional é imprescindível para a consecução do Estado final desejado (BRASIL, 2014b).



Figura 1: Ambiente Operacional Contemporâneo
Fonte: BRASIL, 2014b, p. 2-3.

A Dimensão Informacional se caracterizaria como o conjunto de indivíduos, organizações e sistemas que seriam utilizados para coletar, processar, disseminar, ou agir sobre a informação (BRASIL, 2014b, parte II-Termos e Definições).

Já BRASIL (2013) caracteriza a Dimensão Humana como aquela relacionada com as estruturas sociais, seus comportamentos e interesses, normalmente geradores do conflito (BRASIL, 2013, p. 2-3).

2.2 AS OPERAÇÕES DE INFORMAÇÃO E AS OPERAÇÕES PSICOLÓGICAS

Com a finalidade de agir de forma eficiente no âmbito da dimensão informacional foi desenvolvido o conceito de Operações de Informação:

As Operações de Informação (Op Info) consistem na atuação metodologicamente integrada de capacidades relacionadas à informação, em conjunto com outros vetores, para informar e influenciar grupos e indivíduos, bem como afetar o ciclo decisório de oponentes, ao mesmo tempo protegendo o nosso. Além disso, visam a evitar, impedir ou neutralizar os efeitos das ações adversas na Dimensão Informacional (BRASIL, 2014b, p.3-1).

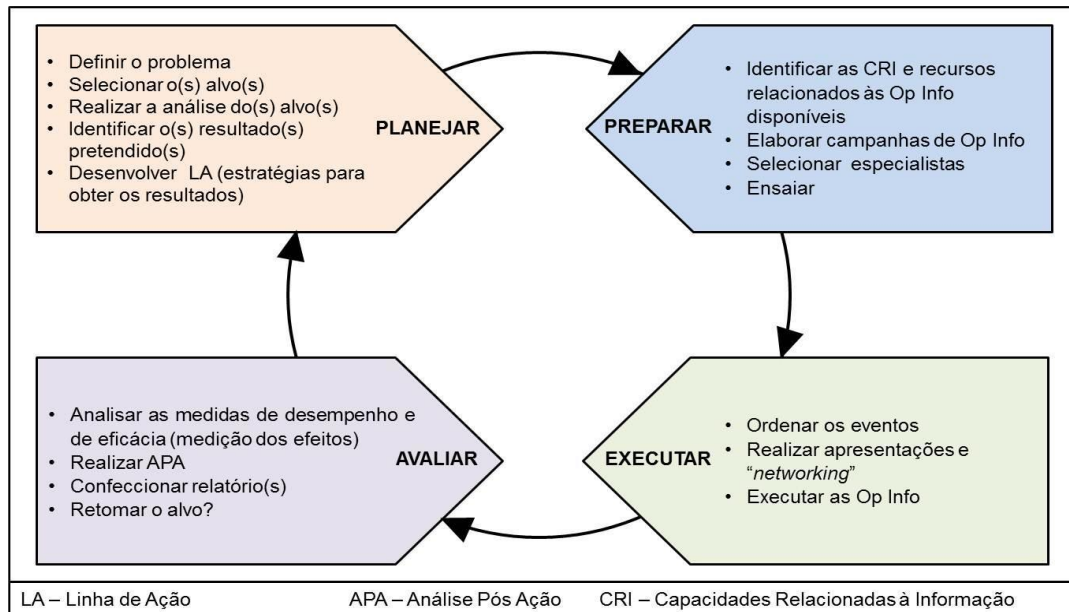


Figura 2 – Planejamento, preparação, execução e avaliação das Op Info.

Fonte: (BRASIL, 2014b, p. 6-1)

Segundo Defense (2010) o Departamento de Defesa dos Estados Unidos da América, caracteriza as operações de informação como sendo a interface ao emprego integrado das capacidades essenciais de guerra eletrônica (EW), operações de rede de computadores (CNO), operações psicológicas (PSYOP), engano militar (MILDEC) e segurança das operações (OPSEC), em conjunto com recursos relacionados para influenciar, interromper, corromper ou usurpar a tomada de decisão humana e automatizada adversária, protegendo ao mesmo tempo a nossa (DEFENSE, 2010, p. 110).

Segundo Brasil (2014b), as Operações de Informação seriam conduzidas por meio da coordenação e emprego judicioso de Capacidades Relacionadas à Informação como a Comunicação Social, as Operações Psicológicas, a Guerra Eletrônica, a Guerra Cibernética, a Inteligência etc.

Conforme o manual de Operações Psicológicas em voga no Exército Brasileiro:

As Operações Psicológicas compreendem o conjunto de ações de qualquer natureza, destinadas a influir nas emoções, nas atitudes e nas opiniões de um grupo social, com a finalidade de obter comportamentos predeterminados. O que as qualificam como ações destinadas a interferir na Dimensão Humana, permeando também a dimensão informacional. (BRASIL, 1999, p.1-4)

Por sua vez Pimentel define as Operações de Apoio à Informação, antiga denominação das operações psicológicas, da seguinte maneira:

As Operações de Apoio à Informação (OAI) são procedimentos técnico-especializados, executados de forma sistemática para apoiar a conquista de objetivos políticos ou militares. As OAI são desenvolvidas antes, durante e após o emprego da força, visando a motivar públicos-alvo amigos, neutros ou hostis para obter comportamentos desejáveis (PIMENTEL, 2015, p.72).

Segundo Barbosa (2020) para que as operações de informação sejam bem-sucedidas, elas devem ser operações integradas, bem compreendidas, sincronizadas com a manobra e providas dos recursos da prioridade necessária.

NATO (2014) preconiza que: “Em apoio às operações de informação, as Operações Psicológicas procuram afetar as percepções, atitudes e comportamento. Isso pode afetar uma ampla gama de públicos-alvo, das populações aos tomadores de decisão em todos os níveis”.

Albuquerque (2017, p. 71) em estudo de situação realizado sobre a eficiência das Operações Psicológicas atesta que não haveria sentido de empregar as Operações Psicológicas sem a integração com a inteligência e com as demais Capacidades Relacionadas à Informação: “somente atividades integradas e complementadas entre as capacidades podem oferecer uma efetiva resposta à complexidade, ambiguidade e fluidez da guerra moderna”.

A Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), em sua doutrina, sobre a relação entre as Operações Psicológicas e as Operações de Informação, trata o seguinte:

Os planejadores das Operações de Informação garantirão que as Operações Psicológicas estejam próximas, coordenando com outras atividades militares, em todos os níveis, para garantir que o efeito desejado em um alvo não seja comprometido por nenhuma inconsistência no plano de campanha dos comandantes (NATO, 2014, p. 27).

A OTAN caracteriza as Operações Psicológicas como atividades

planejadas que usam métodos de comunicação e outros meios, dirigidas a audiências aprovadas com a finalidade de influenciar percepções, atitudes e comportamentos, contribuindo assim para o atingimento de objetivos políticos e militares (NATO, 2003, p. 12).

Segundo Rocha, no manual de campanha *Operations* (US Army, 2008):

São definidas cinco tarefas ao nível da informação para moldar o ambiente de informação e por consequência o ambiente operacional (US Army, 2008). Uma dessas ações, Information Engagement, visa informar através do emprego da capacidade de Assuntos Cívicos, audiências internas e amigas, bem como influenciar audiências externas e designadamente os seus líderes, de forma a modificar os seus comportamentos de forma favorável. Ao nível do Information Engagement, dirigido a audiências externas, são definidas várias capacidades que a força deve ter entre as quais se incluem as Operações Psicológicas (ROCHA, 2008 p.34).

Ainda segundo Rocha o Exército norte-americano define 03 categorias de operações psicológicas (US joint Staff, 2003):

Operações Psicológicas (PSYOPS) estratégicas (SPO), que desenvolvem atividades de informação internacional, levadas a cabo pelas agências governamentais norte-americanas, com vista a atingir as metas e objetivos do governo dos Estados Unidos da América em tempo de paz e conflito; b) Operações Psicológicas (PSYOPS) operacionais (OPO), conduzidas em todo o espectro das operações militares, incluindo as levadas a cabo em tempos de paz, numa Área Operacional Conjunta (JOA) bem definida, para garantir a eficiência das campanhas desenvolvidas pelo comandante da força; c) Operações Psicológicas (PSYOPS) táticas (TPO), conduzidas numa área de responsabilidade (AOR) de um comandante de unidade tática, para apoiar a missão tática atribuída a esse comandante (ROCHA, 2003, p.7).

Ademais Rocha coloca que existem três tipos de PSYOPS:

Operações Psicológicas (PSYOPS) 'Negras' são rumores ou 'notícias falsas' com uma origem oculta; b) Operações Psicológicas (PSYOPS) 'Cinzas' são baseadas na verdade mas têm uma origem obscura e; c) Operações Psicológicas (PSYOPS) 'Brancas' são verdadeiras com um autor conhecido. As operações militares tendem a se concentrar no "branco". Operações Psicológicas negras são muito arriscadas, criando uma má reputação para o Estado ou o força por trás da operação caso venham a ser descobertas. Consequentemente, PSYOPS tendem a ter com base a verdade, a potencial consequência da descoberta de uma mentira, muitas vezes supera o resultados que teriam fornecido (ROCHA, 2003, p.14).

Lemos, em sua tese de mestrado em guerra da informação apresentada na academia militar portuguesa em 2012 citou no Quadriennial Defense Review Report (2001) que as operações de informação deviam ser encaradas como uma capacidade central das forças do futuro. A par da complexidade e incerteza

do ambiente de segurança, da inovação tecnológica e da circulação da informação global, se assiste a uma mudança da natureza do poder. Adicionalmente acrescentou que o Quadrienial Defense Review Report (2010) defendeu o investimento em líderes militares peritos em línguas, em capacidades culturais e em desenvolver uma força civil perita em áreas como o Afeganistão, o Iraque ou outros teatros de guerra a fim de estarem preparados para missões complexas.

Adicionalmente, segundo Lemos, nas Operações Psicológicas as medidas de eficácia podem ser divididas em 02 tipos principais:

a) medidas quantitativas: técnicas como questionários e pesquisas são excelentes ferramentas para avaliar grandes grupos. No entanto, a validade dos resultados depende da qualidade dos entrevistados e pode ser influenciada por fatores como analfabetismo, o comportamento do aplicador e imperfeições analíticas. Embora existam tendências, as ferramentas quantitativas são uma fonte valiosa de obtenção de dados quando se tem um rigoroso cuidado durante sua elaboração e aplicação;

b) medidas qualitativas: técnicas com grupos focais são inestimáveis para complementar as medidas quantitativas. Embora uma enquete possa fornecer uma indicação estatística que existe uma determinada opinião, um grupo focal pode oferecer a oportunidade de investigar por que existem determinadas tendências. Os grupos focais também são ferramentas excelentes, uma vez que geralmente consomem menos recursos; usando uma amostra representativa significativa se pode obter conclusões com um grupo muito menor. No entanto, as medidas qualitativas podem sofrer com alguns percalços como barreiras de linguagem, conflitos de personalidade e a trepidação dos entrevistados pelo que eles respondem, como eles se sentem e o que eventualmente o entrevistador deseja que eles façam, principalmente se o entrevistador estiver usando uniforme militar e carregando uma arma. Soluções simples existem para limitar essa deficiência, como usar funcionários locais, intérpretes.

2.3 AMBIENTE OPERACIONAL

Segundo Cruz, Oliveira, Costa e Veríssimo (2018) a República Islâmica do Afeganistão tem uma população de cerca de 34 milhões de habitantes e o seu índice de desenvolvimento humano é um dos mais baixos do mundo. Além de sofrer com uma grande instabilidade política e vários conflitos nas últimas décadas é um país propenso a desastres naturais tais como terremotos, cheias, avalanches e secas. Como consequência, os meios de subsistência tornaram-se extremamente frágeis e voláteis, fazendo com que grande parte da população procurasse refúgio no estrangeiro, sobretudo no Paquistão e no Iran, ou esteja bastante dispersa internamente. A população, repartida por diferentes etnias, tribos e religiões, nem sempre consegue se beneficiar da ajuda Internacional de que, em grande parte, depende devido à corrupção estatal. (CRUZ, OLIVEIRA, COSTA, VERÍSSIMO, 2018, p. 34).

Segundo Bashiri (2002) o país está situado no sul do continente asiático, fazendo fronteira com o Paquistão a leste e a sul e com o Iran a leste, o Afeganistão tem uma extensão sete vezes superior a de Portugal, um terreno muito acidentado e com um clima muito hostil, especialmente no inverno e integra uma população três vezes superior à população portuguesa. Esta população distribui-se por sete etnias (Pashtun, 42%; Tajik, 27%; Hazara, 9%; Aimak, 4%; Turkmen, 3%; Baloch, 3%) que falam duas línguas principais (Pashtun e Dari) e dezenas de variantes, professando 2 religiões principais, ambas variantes do Islã. A atualidade reflete a sua História, onde as querelas internas, relações internacionais e a própria existência como Estado independente, foram em larga medida influenciados pela sua localização geográfica, intercepção da Ásia do sul, Ocidental e Central, e por onde ao longo dos séculos passaram frequentemente exércitos que tomavam controle da região, sem, no entanto, subjugarem completamente as suas populações. Assim, e apesar de ser atravessado por rotas comerciais prósperas e sede de grandes impérios, só apenas em 1747, Durrani obteve sucesso em unir as tribos da região fundando uma monarquia que passou a funcionar como um Estado Separador entre o Império russo e Britânico (Rocha, 2008, p. 15).

Segundo Mercedez (2015) o Afeganistão tem sido dominado por autoridades tribais, ao invés de um Estado Central, na maioria de sua história. O país vivenciou apenas períodos ocasionais de governança central do Estado e estes têm

sido geralmente associados a potências estrangeiras (os soviéticos, os britânicos e agora a coalizão) ocupando o Afeganistão. As únicas tentativas de um Estado central foram percebidas como tentativas de controlar a população afegã em vez de servi-los. O Estado central era percebido não como uma entidade que existia para fornecer proteção e serviços aos afegãos, mas como uma que tentaria controlar e manipular os cidadãos. Civis afegãos historicamente têm sido tratados como sujeitos com deveres em vez de cidadãos com direitos, ambos por administração central, governos e em suas interações tribais (MERCEDEZ, 2015, p. 25).

Camacho (2011) afirma que o Afeganistão corresponde à parte sudoeste do continente Asiático e detém 5000 km de fronteira com seis países. De 634550 km² apenas 12 % desta área é própria para cultivo, sendo esta uma atividade que corresponde a um dos principais palcos de combate e de confrontos armados internacionalmente conhecidos. A divisão territorial é feita por 34 províncias onde a capital é Cabul. O local com maior afluência Taleban localiza-se mais a sul do país, onde estão situadas as regiões de Kandahar e Herat. O Afeganistão possui 90 % da produção de ópio mundial. Esta realidade, aliada ao fato da população estar associada a elevadas taxas de analfabetismo, fazem com que o povo Afegão esteja mais suscetível a ser alvo de insurgência. Uma economia dependente desta produção devido à má qualidade do solo para cultivo de outros produtos e a complexidade étnica que leva à introdução de barreiras na comunicação faz com que seja difícil a vida em sociedade. Estes aspectos levam o Afeganistão a ter graves problemas com a sua segurança interna. (CAMACHO, 2011, p. 12).

2.4 AS OPERAÇÕES DE INFORMAÇÃO E PSICOLÓGICAS DESENVOLVIDAS EM SOLO AFEGÃO

Rodrigues (2020) afirma que após os ataques às Torres gêmeas em Nova York, em 11 de setembro de 2001, o Pentágono estabeleceu o escritório de influência estratégica, cujo objetivo era distribuir informações nas sociedades-alvo. As reclamações subsequentes indicaram que se tratava de um plano de desinformação. Após os ataques, o governo americano preparou escritórios de comunicação de resposta imediata em Londres, Islamabad e Washington. O

objetivo era induzir a mídia do sul da Ásia e do Oriente Médio a adotar editoriais que neutralizassem o sentimento antiamericano e fossem favoráveis à ação militar, destacando o vínculo de Bin Laden com os ataques a Nova York. Suas funções incluíam a condução de operações de guerra psicológica diretamente da população do Afeganistão por meio de transmissões de rádio e TV, além do lançamento de panfletos anti Taleban (RODRIGUEZ, 2020, p.97).

O Afeganistão é um ambiente onde a guerra psicológica é crucial para ganhar a guerra, mas é igualmente necessária para garantir a eficiência e manutenção da capacidade de combate dos nossos efetivos (SOBRAL, 2011, p.67).

Os trabalhos das Unidades de PSYOPS começaram logo após os ataques terroristas do 11 de Setembro com o 940º Destacamento de PSYOPS táticas iniciando a Target Audience Analysis (TAA) do Afeganistão, seleccionando como públicos-alvo a População, os Talebans e a Al-Qaeda (LAMB, 2005):

As forças americanas com foco cinético aplicaram as lições aprendidas em conflitos anteriores e começaram a atacar as percepções existentes desde que o regime do Taleban chegou ao poder. Com uma campanha de divisão e rendição, as forças dos Estados Unidos da América trabalharam para remover o apoio público ao Taleban e convencer os insurgentes a deporem as armas se juntarem a próxima maré de mudanças democráticas. Utilizando vários canais que incluíam o solo de comando EC-130J e rádios SOMS-B para transmitir mensagens no rádio e na televisão junto com cartaz e folhetos, as informações foram enviadas aos afegãos. Esse esforço para apoiar o governo afegão foi apoiado usando assistência humanitária e projetos de reconstrução civil militar para angariar apoio da população em todo o país (LAMB, 2005).

Segundo Lamb os objetivos psicológicos delineados durante o conflito no Afeganistão foram, a saber: a) isolar al Qaeda dos talebans, e ambos de qualquer apoio interno ou externo; b) legitimar a intervenção militar no sentido de convencer a população a não interferir no conflito; c) reduzir a eficiência para combate das forças Taleban e da Al Qaeda, realçando a inevitabilidade da sua derrota incitando à rendição (Lamb, 2005).

Segundo Munhoz (2012), durante a campanha do Afeganistão os meios de disseminação de idéias força, de produtos de operações psicológicas se caracterizaram pela utilização de: a) transmissões de rádio, em estações públicas controladas pelo governo, já que em média cerca de 60% da população afegã se utilizava do rádio para obter informações; b) Revistas e Jornais locais já existentes, e a criação de novos empreendimentos que eram distribuídos

gratuitamente para a população e em escolas (alto nível de analfabetismo); c) Mídias Sociais a partir de plataformas como You Tube, Facebook e Twitter (baixa adesão pela população afegã); d) painéis publicitários; e) Panfletos e cartazes; f) Comunicados a imprensa e; g) Comunicação face a face, com a população sobretudo com lideranças como anciões.

Segundo o Coronel Jeffrey Scott, em obra intitulada “Velocidade versus Precisão, um jogo de soma zero”:

Os produtos PA e PSYOP devem fornecer um fluxo oportuno de informações ao público externo e interno. Com base na política, a comunicação social e as Operações Psicológicas devem ser separados e distintos, embora eles reforçam-se mutuamente e envolvem estreita cooperação e coordenação. Cada função requer esforços distintos de planejamento, recursos e forma de atuação diferentes inseridos no plano de operação do comandante. É extremamente importante que a comunicação social e a atividade de Operações psicológicas realizem uma coordenação mútua entre suas ações para que seja possível a manutenção da credibilidade com seus respectivos públicos (MUNHOZ, 2012, p.127).

Ainda, segundo o mesmo oficial, os produtos de Comunicação Social e de Operações Psicológicas, no que tange as informações neles presentes, deveriam ser coordenados desde o início de sua concepção, evitando assim que pudessem, a certo ponto, se tornarem contraproducentes colocando em risco o quesito credibilidade. Para ele, ambas as Capacidades Relacionadas à Informação deveriam ser conduzidas de forma independente, devendo os representantes de Operações Psicológicas e de Comunicação Social realizarem as coordenações conjuntas necessárias, no âmbito de uma estrutura de Operações de Informação, mantendo assim a autonomia. A atividade de Comunicação Social deveria se manter como o principal contato do comandante com a mídia em geral (MUNHOZ, 2012, p. 52).

O presidente do Estado-Maior Conjunto no Afeganistão, o General Richard Bowman Myers, em 2004 emitiu um comunicado para os chefes e comandantes conjuntos, no intuito de dirimir possíveis controvérsias doutrinárias, no qual as Operações Psicológicas e a atividade de Comunicação Social deveriam ser funções de Estado-Maior distintas que poderiam até certo ponto serem coordenadas:

“Na sua visão o objetivo das Operações de Informações seria influenciar o público adversário estrangeiro usando os recursos de operações psicológicas”. Por outro lado, a Comunicação Social deveria se concentrar

em informar o "público americano e o público internacional em apoio às necessidades de informação pública dos comandantes combatentes em todos os níveis operacionais.(MYERS, 2004)

Em relação a possível atividade que poderia ensejar em sobreposição de funções e efeitos no campo de batalha, se tratando de algo comum no escopo da Comunicação Social e das Operações Psicológicas, Paul (2008) abordou o controverso viés da contrapropaganda no manual de Operações de Informações:

A contrapropaganda tem destaque na doutrina de Operações Psicológicas, mas também faz parte da carteira da atividade de Comunicação Social. Não está claro quem tem a liderança, embora haja alguma evidência de atividade de contrapropaganda durante as operações contemporâneas de atividades de Comunicação Social e Operações Psicológicas. A contrapropaganda é uma área para a qual a integração no âmbito das Operações de Informação faz sentido. Várias capacidades relacionadas à Informação podem integrar-se em meio aos esforços de contrapropaganda atendendo a necessidade de respostas rápidas em meio à guerra informacional”(PAUL, 2008, p.64).

Segundo Munhoz (2012), a narrativa delineada pelo Taleban era de que o mundo islâmico estaria sob ataque, e que essas ações estariam causando a morte de muçulmanos inocentes. Logo, atividades típicas da comunicação social dentro deste contexto, os comunicados de imprensa e declarações orais, reproduzidos pela mídia local, também estavam diretamente dentro da área das Operações Psicológicas.

Em continuação, de acordo com o mesmo autor as equipes de operações psicológicas estavam acostumadas a lidar com a população e imprensa local. Em tais situações, as equipes de Operações Psicológicas, como um elemento de Operações de Informação, estavam tentando alcançar os mesmos públicos-alvo que os agentes de Comunicação Social, mas com mensagens diferentes. Nesse sentido deveria ocorrer uma coordenação mais estreita entre os esforços das duas Capacidades Relacionadas à Informação para a consecução dos objetivos gerais preconizados, em oposição a uma maior compartimentação.

2.5 PROBLEMAS RELATIVOS À EFICIÊNCIA DAS OPERAÇÕES DE INFORMAÇÃO E DAS OPERAÇÕES PSICOLÓGICAS

Segundo Munhoz (2012), estudos acadêmicos realizados pelo Exército Estadunidense durante as Operações Militares no Afeganistão apontaram alguns problemas enfrentados pelas Operações Psicológicas que impactavam diretamente em sua efetividade, como por exemplo, a falta de integração entre as operações de Informações e as atividades de operações psicológicas, falhas no processo de coordenação entre as operações de informação e a capacidade de Operações psicológicas etc.

O Major Cox relata ainda que existem falhas de integração entre as operações de Informação com a Manobra em si uma vez que os comandantes nos níveis operacionais e tático muitas das vezes não conseguem visualizar e interagir de forma eficiente e abrangente no ambiente operacional em que estão inseridos assim como não conseguem compreender os benefícios das operações de informação para o efeito final desejado:

A maioria das falhas para integrar IO ocorreu porque o comandante não visualizou o ambiente operacional completo. Muitas vezes, os comandantes veem IO apenas em termos do que pode ser apresentado na mídia; como tal, eles usaram IO para ajudar a espalhar boas notícias (informar) em vez de mudar as percepções de um público-alvo (influência), degradar a capacidade de seus adversários de gerenciar as percepções (ataque) ou mesmo defender o ambiente de informações que o comandante estava tentando criar (proteger) (COX, 2006).

No mesmo caminho se caracterizou a importância da integração das Operações e Informação e as Operações Psicológicas:

A doutrina conjunta e o Roteiro de Operações da Informação determinam que as Operações Psicológicas, sejam integradas a esforços mais amplos de Operações de Informação. Está em questão se essa integração realmente beneficia ou enfraquece as Operações Psicológicas e seus efeitos. Especificamente, um grande problema documentado nas lições aprendidas é que os planejadores não apreciam suficientemente os recursos das Operações psicológicas ou os empregam de maneira adequada e eficaz porque não as entendem adequadamente. Evidências secundárias desse problema citaram a falta de material de orientação para integrá-las formalmente (LAMB, 2005, p.15).

Para Lamb (2005), literalmente “A campanha de guerra informacional dos Estados Unidos no Afeganistão não produziu resultados positivos para seus

criadores e foi até contraproducente” em alguns aspectos. A falha mais notável foi a incapacidade de conter efetivamente a campanha de propaganda do Taleban contra as forças dos EUA e da OTAN sobre o tema das baixas civis, tanto doméstica quanto internacionalmente.” Isso ocorre principalmente porque a guerra de informação no Afeganistão foi conduzida pelos EUA e outras forças da coalizão sem o apoio dos afegãos (LAMB, 2005).

Ao realizar uma apreciação mais ampla tanto dos aspectos psicológicos dos conflitos quanto pela compreensão de alguns fatores fundamentais das operações psicológicas, é possível para o comandante tático influenciar sobremaneira o campo de batalha moderno.

Segundo Crow (2006), as operações psicológicas foram definidas como atividades destinadas a influenciar atitudes e comportamentos que afetam a realização de políticas e objetivos militares. Indiscutivelmente, parte do problema com a integração eficaz das operações militares com as táticas militares modernas são sua própria definição. Do jeito que está, diz tudo e nada ao mesmo tempo. Dessa forma, as operações psicológicas podem representar um conceito obtuso para o comandante tático: eles podem perceber sua importância, mas em geral não são totalmente treinados para alavanca-las ao máximo.

Crow (2006) define que para o comandante tático, operações psicológicas eficazes são o meio para afetar o plano psicológico da guerra. A sua atuação eficaz pode ser alcançada por meio da avaliação de três fatores fundamentais: a) uma compreensão dos princípios chave das operações psicológicas; b) uma compreensão dos públicos alvo; d) uma compreensão de como medir sua eficácia pontos.

Conforme Munhoz (2012) nas operações contra insurgências no Afeganistão, as forças do exército dos Estados Unidos da América acreditavam que sua doutrina tradicional de Op Info poderia fornecer uma vantagem contra as forças inimigas. No entanto “a guerra no meio do povo”, segundo Smith, o emprego convencional das Op Info, com estratégias deliberadas vieram a testar a própria lógica das Op Info, a lógica do fluxo de informações e do processo decisório. Insurgentes, terroristas e elementos criminosos, operando em redes pequenas e descentralizadas, abaixo do chamado limiar da discriminação, e com muita astúcia em vez de alta tecnologia, tornaram a ruptura dos seus ciclos decisórios um tanto irrelevante, se não impossível aos norte-americanos (MUNHOZ, 2012, p.63).

Segundo Rocha (2008), o Afeganistão apresenta dificuldades no que toca à comunicação, porque de localidade para localidade é exigida sempre uma adaptação linguística e étnica por quem vai estabelecer contacto. A coleta e o processamento de informações estão sempre em constante adaptação e a alteração, o que poderá levar a que seja necessário efetuar várias alterações ao longo do dia. A tática e as técnicas comunicativas variam consoante o local em que se está a atuar. A autoridade é profundamente descentralizada e difere consoante o governo local, onde é visível um contraste rural e urbano muito acentuado, o que altera a tomada de decisão e o planeamento perante as duas situações. Perante as forças empenhadas neste ambiente, surgem dificuldades quanto à geografia que é extremamente acentuada, onde existe um clima muito frio ou muito quente (SOBRAL, 2011).

Rocha em seu trabalho acadêmico é assertivo em caracterizar que nenhum dos objetivos psicológicos definidos foi inteiramente alcançado:

Relativamente ao primeiro objetivo psicológico, isolar Al-Qaeda dos Talebanes e ambos de qualquer apoio interno ou externo, podemos afirmar que as atividades desenvolvidas nesse sentido, contribuíram para desarticular e quebrar a ligação entre essas forças, desencadeando por vezes a sua fuga sem combate e, do programa de recompensas, resultaram várias informações para a coalizão, considerando também que as informações mais importantes, apenas circulariam entre um grupo muito restrito de elementos da Al-Qaeda, o que dificultava o seu fluxo e acesso por parte da coalizão. O segundo objetivo psicológico, Legitimar a intervenção militar no sentido de convencer a população a não interferir no conflito, foi derrotado pelos danos colaterais da operação, no entanto, a JPOTF, desenvolveu um conjunto incessante de atividades, devidamente adequadas objetivo, no sentido de compensar esses danos. Porém, a sucessão de incidentes anulou grande parte desse esforço, sendo a atitude majoritária de descrédito, mas com alguma tolerância. O terceiro objetivo psicológico, reduzir a eficiência para combate dos Talebanes e da Al-Qaeda ilustrando a inevitabilidade da derrota e incitando a rendição, foi responsável por rendições, por vezes massivas e por retiradas, facilitando o cumprimento das missões táticas e operacionais da coalizão. Deste modo, dá-se resposta à segunda questão derivada (no que a OEF diz respeito) com a confirmação da primeira hipótese levantada: as operações psicológicas no Afeganistão PSyOps tiveram um desempenho adequado a manobra da coalizão na OEF. Ainda que, com algumas reservas quanto ao sucesso dos esforços de legitimação (ROCHA, 2008, p.17).

Segundo Cox (2006) as campanhas de operação psicológicas no Afeganistão não foram capazes de atingir plenamente os objetivos psicológicos por não conseguirem dirimir, na população local, percepções negativas resultantes dos danos colaterais provocados pelas ações militares cinéticas como o grande número

de baixas de civis.

Munhoz (2012) detalha que, em estudo promovido sobre as ações militares dos Estados Unidos da América e pela ISAF, a deficiência mais notável no que tange aos esforços em termos de Operações Psicológicas e de Informação foi a incapacidade de combater efetivamente a campanha de propaganda do Taleban contra as forças dos EUA e da OTAN sobre o tema das baixas civis, tanto doméstica quanto internacionalmente. No entanto, deve ser enfatizado que este sucesso da propaganda Taleban não se traduz em amplo apoio popular ao movimento Taleban (MUNHOZ, 2012).

Em adição, conforme o mesmo autor, os militares envolvidos com as estruturas de Operações de Informação e Psicológicas, apontaram que muitos problemas organizacionais dificultaram a eficiência das Operações Psicológicas no âmbito das Operações de Informação como a coordenação inapropriada entre as operações Psicológicas e as Operações de Informação, demora no processo de aprovação de produtos para lidar com determinadas situações prementes no combate, ausência de medidas de efetividade das atividades bem como a inabilidade de explorar de forma informal a linguagem oral afegã, a comunicação tradicional afegã.

Oleg Svet, citado por Munhoz, escreveu que os temas e mensagens da coalizão frequentemente falharam em atingir o público-alvo, muito devido a má utilização de dados culturais e etnográficos bem como no formato. Isso gerou produtos frequentemente confusos e que não despertavam confiança ou não atraíram o público afegão (SVET, 2010).

Munhoz (2012) citando Svet, argumentou que a coalizão se concentrou muito no inimigo e não o suficiente para conquistar a população, tanto nas operações cinéticas quanto nas de informações. Ele afirmou, em 2010, que com esforços difusos, foi difícil buscar uma narrativa abrangente que fornecesse legitimidade para o governo local, responder rapidamente à propaganda do Taleban e moldar as informações de forma proativa em meio ao ambiente informacional. ” (SVET, 2010, p. 2).

Falta de compreensão religiosa e cultural: a falta de compreensão cultural e religiosa representou um desafio significativo para o coalizão na elaboração de mensagens e na escolha de temas que ressoariam com o afegão. A coalizão freqüentemente selecionava mensagens que ressoariam nas sociedades ocidentais

mas tinha pouco significado, ou um significado muito diferente, para o público-alvo.

De acordo com Foxley, corroborando Svet, a coalizão teve um entendimento ruim da cultura, idioma e costumes afegãos e isso impediu a eficácia da coalizão nas operações de informação.

Para Mercedez (2015) a coalizão tinha pouco conhecimento de grupos tribais e étnicos no Afeganistão, seguindo o pensamento de Foxley, e como tal, lutou para discernir que tipos de mensagens ressoariam de forma particular para tribos ou etnias. O que atraiu os Balochs não necessariamente atraiu os pashtos ou Hazaras. Kilcullen descreveu o campo de batalha de informações no Afeganistão como sendo intimamente local na natureza. McFate argumentou que, neste ambiente hiper-local, um potencial influenciador exigia conhecimento “granular” de terrenos sociais, a fim de competir por influência. A fim de influenciar um público, as mensagens tiveram que ser adaptadas ao grupo étnico ou tribal específico naquela área geográfica particular do Afeganistão. A coalizão foi incapaz de adaptar com sucesso mensagens para áreas específicas do Afeganistão, porque faltou uma compreensão da população, uma falha agravada pela falta de presença local consistente para aprender sobre o alvo público. O Afeganistão teve essa variação entre regiões geográficas, tribos e etnias. Muitas vezes, as mensagens não eram específicas o suficiente para ressoar ou eram usadas com o público errado (MERCEDEZ, 2015, pag 24).

Mercedez (2015) ainda afirma que a coalizão também se esforçou para entender o papel da religião na definição de como seu alvo audiência iria interpretar várias mensagens. O fracasso em entender o Islã e a importância dele jogado na vida do afegão médio significava que a coalizão falhou em criar mensagens que ressoou com este elemento central da vida e identidade de muitos afegãos. Às vezes, a má compreensão do Islã gerava informações que ofenderam os afegãos. (MERCEDEZ, 2015, pag 34).

Ainda segundo o autor muitos afegãos não acreditavam que o Taleban estivesse envolvido com a Al Qaeda ou responsável (direta ou indiretamente) pelos ataques de 11 de setembro. Aqueles que foram cientes da presença da Al Qaeda no país, acreditavam que os combatentes haviam fugido para o Paquistão semanas após os ataques e, portanto, não entendiam por que a coalizão estava presente ou acreditavam na mensagem deles de que estavam no Afeganistão para matar ou capturar combatentes da Al Qaeda. (MERCEDEZ, 2015, pag 35).

Mercedez (2015) afirma que quando os afegãos foram questionados sobre sua percepção de que a coalizão estava trazendo paz e segurança, uma mudança significativa era visível ao longo dos anos, com cada vez menos percebendo a coalizão como uma força capaz de fornecer proteção e segurança. No ano de 2006, 67% dos afegãos entrevistados acreditavam que a coalizão traria segurança e proteção para sua área, mas em 2009 esse número havia caído para 42%. Uma minoria de 31% não acreditava na mensagem da coalizão em 2006, mas a maioria duvidou dela em 2009, com 55% expressando falta de confiança nas habilidades da coalizão. (MERCEDEZ, 2015, pag 63).

Vítimas de civis e danos colaterais causados por ataques aéreos e ataques noturnos minaram a boa vontade dos afegãos e tornou as mensagens da coalizão ineficazes. Mensagens negativas sobre as intenções questionáveis da coalizão ressoaram cada vez mais poderosamente do que as promessas de ajuda da coalizão. Afegãos não conseguiram ver as promessas da coalizão refletido em suas vidas diárias (MERCEDEZ, 2015, pag 42).

Ainda sob os auspícios do mesmo autor uma pesquisa mostrando que 71% dos afegãos pesquisados, em 2010, acreditavam que o Taleban retornaria quando a coalizão partisse. (MERCEDEZ, 2015).

Wali Shaaker, o pashtun afegão que ajudou as forças dos EUA a entender o Taleban a opinião da propaganda era que a coalizão era simplesmente incapaz de neutralizar a propaganda do Taleban através de suas mensagens. (MERCEDEZ, 2015).

Quando se tratam de design e produção de produtos que anulam ou neutralizam os argumentos e acusações do inimigo, a coalizão / EUA, a reação permaneceu longe do adequado. Parece que eles simplesmente não foram capazes de gerar respostas suficientes, e em termos de qualidade e quantidade, a intensa propaganda antigoverno do Taleban, anti-EUA e anti-ISAF (HADI, 2016).

A coalizão às vezes tinham mensagens que ressoavam, mas era incapaz de entregar para o público-alvo, perdendo assim a oportunidade de influenciá-los. Svet escreveu que os métodos de entrega de mensagens escolhidos pela coalizão foram ineficazes. Recursos foram gastos pela coalizão para divulgar suas mensagens por meio de uma série de meios, no final das contas não alcançar a maioria dos cidadãos afegãos.

Pincus (2011) afirma literalmente que a falta de compreensão cultural às vezes criava dificuldades na comunicação de mensagens quando a coalizão se envolveu com os principais líderes das comunidades afegãs. Militares chegando para se encontrar com os principais líderes tribais e perguntando-lhes abertamente se havia algum Taleban na área arriscou a vida desses líderes e foi um sinal de desrespeito (PINCUS, 2011).

Ainda segundo o autor os folhetos eram um meio comum de comunicação entre a coalizão e os afegãos, freqüentemente eles eram lançados de aviões. Esses folhetos levaram em consideração o baixo nível de alfabetização e eram principalmente desenhos. A coalizão não entendeu seu público-alvo o suficiente para projetar folhetos eficazes. Como resultado, as imagens às vezes eram confusas para os afegãos, ou culturalmente não apropriadas.

A coalizão não levou em conta os meios tradicionais de transmissão de informação local para apresentar suas mensagens de uma forma que fosse acessível e confortável para afegãos, ou facilmente transferido entre amigos e aldeões. Canções e poesia, quase nunca foram usadas pela coalizão, embora fosse um dos meios mais comuns de comunicação na cultura afegã e poderia ser transmitida na tradição oral (SVET, 2010).

Munhoz (2012) assevera que entrevistas com pessoal de IO e PSYOP que serviram no Afeganistão, que foram corroborados por vários outros estudos, apontam para vários problemas organizacionais que impedem a eficácia, de sua missão. Estes incluem coordenação inadequada entre IO e PSYOP, longos tempos de resposta no processo de aprovação, falta de Integração entre IO e PSYOP no planejamento operacional, falta de medidas de eficácia (MOEs) e uma incapacidade de explorar o informal, oral a tradição de comunicação afegã (MUNHOZ, 2012).

Constata-se ainda que, dado o elevado grau de analfabetismo da população afegã, os jornais não são o meio com melhores resultados. Como alternativa, apresenta-se o rádio, embora este meio não possua verdadeira implantação nacional, assim o método mais eficaz ainda é a conversação cara-a-cara, o que traz como consequência um desaproveitamento deste meio de importância fulcral, acrescentando-se ainda a dependência quase total de tradutores, também recurso escasso no Afeganistão (ROCHA, 2008, pag.).

Para Rocha (2008), outra limitação, comum à ISAF e às suas PSYOPS, é a

escassez de recursos humanos onde se verifica uma grande deficiência na quantidade de militares e na sua formação para uma área tão específica como as PSYOPS.

Segundo Rocha, (2008, p.43) as PSYOPS foram responsáveis por rendições, por vezes massivas e por retiradas, facilitando o cumprimento das missões táticas e operacionais da coalizão.

Para Rocha (2008) as atividades desenvolvidas neste sentido contribuíram para desarticular e quebrar a ligação entre as forças inimigas, desencadeando por vezes a sua fuga sem combate e, do programa de recompensas, resultaram várias informações para a coalizão, considerando também que as informações mais importantes, apenas circulariam entre um grupo muito restrito de elementos da Al-Qaeda, o que dificultava o seu fluxo e acesso por parte da coalizão.

Friedman (2006) atesta que apesar de a coalizão ter garantido, praticamente a exclusividade da transmissão rádio, outro problema se colocava, a eletricidade não chegava a toda a extensão do território, muito menos as baterias. Para que tal situação se resolvesse, a coalizão distribuiu um aparelho rádio, o Kaito, que poderia funcionar usando as baterias convencionais, energia solar ou energia gerada por um dínamo incorporado no aparelho (FRIEDMAN, 2006).

Conforme Munhoz (2012) a incapacidade da coalizão de responder rapidamente aos eventos em desenvolvimento prejudicou significativamente as operações de informação da coalizão em todo o Afeganistão. A coalizão estava sujeita a exigências legais e éticas que o Taleban não tinha e isso permitia que o Taleban tomasse a iniciativa e conduzisse a narrativa nas histórias da mídia no Afeganistão e com meios de comunicação internacionais. Os EUA não conseguiram conduzir o ciclo de operações de informação pela obrigação de verificar as informações, mas também pela estrutura burocrática e obstáculos organizacionais que criou para si mesmo.

Citando Mercedez (2015), as mensagens da coalizão eram frequentemente vistas como sem credibilidade por não refletir a situação no terreno. Embora isso tenha sido em grande parte uma falha de maior estratégia de contra-insurgência (COIN), falhando em fornecer tropas e recursos suficientes, também afetou a credibilidade e ressonância das mensagens da coalizão e, por extensão, reduziu sua influência. A coalizão falhou em ajustar essas mensagens não credíveis, especialmente durante a segunda metade da campanha, quando a insatisfação e o

ressentimento aumentavam entre os afegãos, e quando a insurgência parecia estar ganhando força. Os temas e as mensagens da coalizão selecionadas foram muitas vezes moldados usando termos de referência ocidentais e, como resultado não se relacionava bem com a população afegã. As campanhas que posicionam o Ocidente como trazendo liberdade, e a promoção da segurança fornecida pelo Estado central são exemplos de mensagens que não ressoaram com a população local, dada a história e cultura do Afeganistão (MERCEDEZ, 2015, p. 52).

Para o mesmo autor a coalizão lutou para divulgar sua mensagem, muitas vezes contando com métodos ineficazes que eram desconhecidos ou inacessíveis para civis afegãos, incluindo anúncios de televisão e material impresso visando uma sociedade em grande parte analfabeta. Com o tempo, a coalizão aprendeu e começou a alterar os meios através dos quais apresentava mensagens, no entanto, a essa altura, a insurgência já tinha ganhado ímpeto. O Taleban conseguiu entregar sua mensagem ao mercado interno e para audiências de nações contribuintes de tropas com mais frequência do que os contra-insurgentes. O Taleban escolheu ataques espetaculares e forneceu imagens que atendiam às necessidades de transmissão de notícias (MERCEDEZ, 2015, p. 54).

Ainda asseverou que a capacidade de agir primeiro permitiu que o Taleban conduzisse à narrativa e as notícias, forçando a coalizão a ser reativa. Quando a coalizão tentou conter o Taleban, frequentemente demorava a responder. Isso ajudou o Taleban a criar narrativas no Afeganistão e nos países da coalizão de que eles estavam ganhando a guerra, levantando questões sobre legitimidade e minando a vontade de lutar da coalizão (MERCEDEZ, 2015, p. 37).

Munhoz (2012), segundo observações pessoais, afirmou que o meio mais utilizado pelos afegãos para manterem-se informados era através do contato pessoal, boca a boca, por meio de parentes, vizinhos ou chefe tribais. Ainda acrescentaram que as forças militares tiveram demasiada dificuldade em monitorar com precisão os indivíduos que eram realmente responsáveis por disseminar informações, sobretudo, em meio a grande parte da população rural, de fato, os operadores psicológicos não conseguiram descobrir como alcançá-los.

O Major Joseph L. Cox observou que a formação cultural que foi dada geralmente consistia em "o que fazer e não fazer", que era pouco para avançar o conhecimento do comandante sobre a comunicação no ambiente em que atuou. O Major Cox argumentou que os comandantes precisavam de conhecimentos mais

detalhados sobre a religião local, estruturas familiares, estruturas políticas, questões tribais, demografia, normas culturais, costumes e métodos de processamento de informações pessoais baseados na cultura para entender que efeito suas operações teriam em uma área (MUNHOZ, 2012).

Christopher Lamb relata, que baseado em experiências colhidas em meio a Operações Psicológicas desenvolvidas no âmbito de Operações de Informação, é comum a frustração de Oficiais especialistas em Operações Psicológicas com chefes de células de Operações de Informação justamente pelo desconhecimento deste sobre as potencialidades e limitações da atividade de Operações Psicológicas (LAMB, 2005).

Christopher J. Lamb relatou que muitas das vezes os produtos desenvolvidos em meio as Campanhas de Operações Psicológicas não eram disseminados com a brevidade que as situações exigiam devido a extensos e demorados processos de testagem e aprovação, pelos escalões superiores. Logo, quando chegavam a ser empregados já não conseguiam obter o mesmo nível de eficiência na consecução dos objetivos psicológicos preconizados:

Um processo de aprovação de produto PSYOP dilatatório é prejudicial à execução de uma campanha PSYOP eficaz. Antes do início das operações, um processo atrasado inibe o planejamento e o tempo de ensaio das PSYOP, enquanto a aprovação lenta durante uma campanha real pode inutilizar alguns produtos militares e políticos, uma vez que podem ser superados pelos eventos. A menos que o processo de aprovação seja reformado, tanto no teatro quanto no nível tático, a eficácia das PSYOP ficará seriamente comprometida.”(LAMB, 2005)

Arturo Munhoz, corroborando a visão de Lamb, acrescenta em seus estudos sobre a atuação norte americana no Afeganistão que:

Na prática, comunicados à imprensa, transmissões de rádio e relações com o Afeganistão, a mídia geralmente é centralizada no nível de brigada. Conforme as ações ocorrem em o solo, como o ferimento de um civil ou a captura de um insurgente, a mensagem dos EUA precisa chegar à população rapidamente e com precisão. Depois de uma ação de combate, um relatório registrando o evento é compilado no nível de pelotão e, em seguida, examinado por três níveis da cadeia de comando antes de chegar ao oficial IO de nível de brigada, que então escreve um comunicado à imprensa em inglês. Como informações sobre o evento no solo sobe na cadeia de comando, perde oportunidade, contexto, e clareza. As entrevistas revelam que os líderes subordinados muitas vezes minimizam eventos, a

fim de evitar o envolvimento de sedes superiores (HHQ) com suas operações. (MUNHOZ, 2012)

A ausência ou deficiência no compartilhamento de conhecimentos, obtidos por elementos de inteligência ou pelos Operadores Psicológicos sobre a população afegã, resultando na falta de um banco de dados padronizado foi prejudicial para a consolidação em um sistema único que pudesse servir de suporte as Operações de Informação (MUNHOZ, 2012).

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na busca pelos objetivos psicológicos preconizados durante a campanha militar no Afeganistão, destacaram-se a adoção de uma campanha de divisão e rendição, para remover o apoio público ao Taleban e convencer os insurgentes a deporem as armas e apoiarem mudanças democráticas. A saber, de forma geral:

- a) Isolar Al Qaeda dos Taleban e ambos de qualquer apoio interno ou externo;
- b) Legitimar a intervenção militar no sentido de convencer a população a não interferir no conflito;
- c) Reduzir a eficiência para combate dos Taleban ilustrando a inevitabilidade da derrota incitando a rendição

No que tange aos problemas que envolveram o emprego e a eficácia das operações psicológicas e de informação no contexto abordado se verificou o seguinte:

Considerando que os conflitos atuais ocorrem em um ambiente de amplo espectro e em que pese a multidimensionalidade das operações (físico, humano e informacional), a execução de campanhas militares desconexas de objetivos no campo informacional que privilegiavam de forma predominante o alcance de objetivos militares no terreno, ou factíveis, como por exemplo a ocupação de cidades ou a degradação da capacidade do inimigo em levar a cabo operações cinéticas demonstraram que a longo prazo quando desprovidos da consecução de objetivos, complementares, no campo humano como a aquiescência da população,

degradação do moral inimigo, e no campo informacional, externo e interno, não se sustentaram a médio e longo prazo.

A pesquisa exploratória realizada de forma pragmática apontou que a relutância dos Comandantes em considerar a relevância do apoio das Operações de Informação em prol das Operações Cinéticas no campo de batalha, foi crucial para que não ocorressem coordenações eficientes e a integração necessária para a consecução de um melhor aproveitamento e manutenção dos objetivos previamente estabelecidos. O fato de muitas vezes os Operadores de Informação não estarem junto aos oficiais responsáveis pelo planejamento e execução das Operações Cinéticas, a nível tático, e portanto, desprovidos de informações em tempo real sobre o desenrolar dos embates e das perspectivas futuras da evolução da manobra reforçaram a percepção dos chefes militares de não considerar em várias ocasiões a colaboração das IO, e suas CRI, no emprego das Forças e na consecução dos seus objetivos. Logo, este isolamento, físico, dos Operadores de Informação foi prejudicial para adoção de medidas tempestivas e necessárias diante de novas situações surgidas no campo de batalha haja vista sua representatividade geralmente apenas nos escalão operacional e estratégico.

Por outro lado, no âmbito das Operações de Informação, ficou evidente que os oficiais encarregados de tal tarefa, não conseguiam compreender, e, portanto, empregar de forma eficiente e coordenada as diversas Capacidades Relacionadas à Informação, sobretudo as Operações Psicológicas, levando muitas das vezes ao não atingimento, em sua plenitude, dos objetivos informacionais preconizados pelo comando, em consonância com os objetivos cinéticos. Portanto, a inabilidade por parte da estrutura de operações de informação em estabelecer objetivos claros para a consecução campanhas psicológicas e permear a interoperabilidade entre as demais capacidades relacionadas à informação comprometeram parcialmente a eficiência das ações desenvolvidas no Afeganistão.

Esta oportunidade de melhoria muitas vezes estava ligada a formação/especialização inadequada, e experiência prévia incipiente dos oficiais designados para exercer a chefia da condução dos esforços relacionados as Operações de Informação. O não conhecimento das reais capacidades e limitações das Operações Psicológicas bem como da forma de emprego mais adequada junto as demais CRI levaram por vezes a atuações deficientes.

Outro aspecto levantado foi a lentidão na aprovação de medidas de atuação,

conduta, das Operações de Informação, sobretudo as relacionadas ao planejamento, preparação e aprovação de ações e produtos de operações psicológicas, haja vista seu potencial de implicância muitas vezes a nível estratégico-operacional, que pudessem se contrapor as novas demandas do campo de batalha, nas dimensões humana e informacional, que pululavam ao longo do desenrolar das operações militares. Isso resultava, em que muitas das vezes, os chefes militares responsáveis por conduzir as operações cinéticas não considerassem a perspectiva de apoio das Operações de Informação, e por conseguinte, das Operações Psicológicas em meio a evolução do conflito e quando o faziam, contavam com produtos sendo disseminados fora da janela hábil para que pudessem gerar os efeitos desejados nos públicos-alvo elencados.

Ademais, outro fator preponderante para a perda de eficiência das operações de informação, sobretudo das operações psicológicas foi justamente a dificuldade em agir com veemência no imaginário cultural do povo afegão, perpetrado em um terreno humano complexo, com diversas linguas e etnias, influências religiosas e filosóficas muito distantes da realidade ocidental: interagir, vislumbrar, discernir sobre anseios, perspectivas e motivações perfizeram verdadeiros obstáculos para o estabelecimento e consecução de objetivos psicológicos ao longo da campanha militar. Aspectos como o alto grau de analfabetismo da população, a estrutura social baseada em formações tribais de tradição oral, o acesso limitado de grande parcela da população a veículos de informação como jornais, revistas, televisão, internet representaram uma verdadeira barreira para a disseminação e propagação de ideais força por operadores psicológicos, fazendo do contato pessoal o meio de disseminação mais empregado, dentre os outros veículos de difusão.

Por sua vez, a escassez de informações do ambiente operacional e dos aspectos psicossociais relacionados aos públicos-alvo, imprescindíveis para um estudo de situação mais pormenorizado, ou seja, desconhecimento dos elementos essenciais de inteligência, acabou resultando na caracterização de objetivos psicológicos impraticáveis em sua plenitude.

Entretanto, foi verificado que a falta de domínio cultural dos militares, a escassez de intérpretes envolvidos em um ambiente complexo, e bastante mutável, tornou ineficiente a produção de produtos de operações psicológicas e a propagação de ideias força, de forma maciça, quando das interações pessoais com locais e suas

lideranças, uma vez que os demais veículos de difusão não se mostraram tão viáveis por não deterem o alcance e a penetrabilidade esperados.

Outro posicionamento bastante evidente foi justamente a complexa interação entre a atividade de Comunicação Social e as Operações Psicológicas, sobre o alcance e os procedimentos relacionados a cada uma, quando inseridas dentro do escopo de uma Operação de Informação, na busca por alcançar determinados objetivos comuns no ambiente informacional que pudessem influenciar positivamente a manutenção dos efeitos cinéticos alcançados pela manobra. No tocante a esse nível de interação se verificou desde conflitos doutrinários a falta de entendimento quanto a abrangência (local, regional ou internacional) e influência mútua da atuação das Operações Psicológicas e da Comunicação Social: esta doutrinariamente aferrada a verdade institucional enquanto aquela com a possibilidade de conduzir a narrativa visando o atingimento dos objetivos preconizados utilizando os meios necessários para tal, a considerar as campanhas com viés cinza e negro, em detrimento de brancas, que mais se assemelhavam a atuação propriamente dita da Comunicação Social. A sobreposição por vezes perniciosa entre os esforços das duas Capacidades Relacionadas à Informação ocasionou perda de eficiência na consecução de objetivos no campo informacional.

Recorrendo mais uma vez a Cox, sobre a campanha militar no Afeganistão, a doutrina de Operações de Informação posta em prática não preconizava uma avaliação clara sobre como analisar a eficácia das ações no campo informacional, se restringindo muitas das vezes, a avaliação de danos em batalha: não existia a preocupação precípua em averiguar os efeitos dos produtos após serem disseminados nem com o desenvolvimento de medidas de eficácia para a consecução dessa análise. Além do mais, ao seu ver não havia planos eficientes para rastrear o público-alvo de interesse nem se os veículos de difusão utilizados para atingi-los seriam os mais adequados nem número suficiente de pessoal qualificado para realizar este intento (COX, 2006).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS E SUGESTÕES

O presente trabalho acadêmico resultou na caracterização de algumas

oportunidades de melhoria, que podem ser utilizadas como parâmetros para aprimorar os processos de implementação e condução de Operações Psicológicas em meio a uma Operação de Informação, a saber, dentre outras: a) Deficiência na integração entre as Operações Psicológicas e as demais Capacidades Relacionadas à Informação, sobretudo com a Comunicação Social, sob a égide das Operações de Informação; b) Falta de conhecimento do terreno humano; c) Ausência de quantidade de suficiente de pessoal especializado para coordenar, conduzir e confeccionar produtos de OI/Operações Psicológicas, d) Desconhecimento por parte dos comandantes Operacionais sobre o tema e a dificuldade destes em vislumbrar os benefícios das Operações de Informação e das Operações Psicológicas em prol da consecução dos objetivos cinéticos; e) Falta de integração entre as Operações de Informação e as atividades de operações psicológicas, falhas no processo de coordenação entre as operações de informação e a capacidade de Operações Psicológicas; e) Aspectos organizacionais acarretaram a perda de eficiência das campanhas de operações psicológicas sob a égide das operações de informação desenvolvidas pela Coalizão dos países Ocidentais em território Afegão; f) De forma secundária, a inabilidade por parte da estrutura de operações de informação em estabelecer objetivos claros para a consecução de campanhas psicológicas bem como permear a interoperabilidade entre as demais Capacidades Relacionadas à Informação levaram a diminuição da eficiência das Operações Psicológicas, e; g) o motivo preponderante de perda de eficiências das Operações Psicológicas foi sem dúvida a escassez de informações do ambiente operacional e dos aspectos psicosociais necessários para um estudo judicioso dos públicos-alvo e, imprescindíveis para um estudo de situação mais pormenorizado e eficiente levando a caracterização de objetivos psicológicos difíceis de serem consumados.

Contudo é possível aumentar o nível de conhecimento concernente à efetividade das operações psicológicas sob os auspícios de uma operação de informação, ao identificar e caracterizar aspectos organizacionais e formas de emprego, dentre outros fatores, que estejam diminuindo a eficiência desta Capacidade Relacionada à Informação. Os achados podem servir de arcabouço para a consecução de outros estudos na linha de pesquisa preconizada a fim de resultar em modificações doutrinárias pertinentes ao incremento da capacidade da Força Terrestre em atuar na dimensão informacional e humana.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Fabio I. C. Operações Psicológicas: a necessidade de integração com as demais capacidades relacionadas à informação. **Revista Doutrina Militar Terrestre**, p.64-73, Ago.2017.

BARRY, Captain K.A. “**Information Operations in Peace Support Operations.**” Canadian Army Journal 7.2 , 2004.

BLOOD, Peter. 2001. **Afghanistan: A country studie.** 2001 . Acesso em 20 Jul 2021 . Disponível em <http://countrystudies.us/afghanistan/>

BASSHIRI, Iraj. **Afghanistan: an Overview. Angel Fire.** 2002 .Acesso em 20 Jul 2021.Disponível em <http://www.angelfire.com/rnb/bashiri/Afghanistan/AfghanOverview.html>.

BRASIL. Exército. **C 45-4: Operações Psicológicas.** 1. ed. Brasília, DF, 1999.

BRASIL. Exército. **EB 20-MC-10.213: Operações de Informação.** 1. ed. Brasília, DF, 2014b.

BRASIL. Exército. **EB20-MF-10.103: Operações.** 4. ed. Brasília, DF, 2014c.

BRASIL. Exército. Portaria Nº 024, de 18 de fev. 2014. **Dispõe sobre diretriz para o sistema de Operações de apoio à informação (EB20-D-02.001)**, Brasília-DF, p. 35-45, Fev. 2014.

CAMACHO, Tiago Américo Pinto. **A importância das Operações Psicológicas articuladas com as Operações de Estabilização.** Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada, Lisboa, junho de 2016.

COSTA, CRUZ, OLIVEIRA, VERÌSSIMO.**O teatro de operações do afeganistão das origens do conflito à atualidade.** Trabalho de Investigação de Grupo do CPOS-E A/S 2017/2018. Pedrouços, 2018.

COX, Joseph L. **Information Operations in Operation Enduring Freedom and Iraqi Freedom - What Went Wrong.** Fort Leavenworth, Kansas : School of

Advanced Military Studies, United States Army Command and General Staff College, 2006.

DEPARTMENT, of defense, **Joint Publication 1-02 Dictionary of Military and Associated Terms**, 08 Nov 2010. Acessado em: 15 Ago 2021. Disponível em https://irp.fas.org/doddir/dod/jp1_02.pdf

FRIEDMAN, Herbert. **Psychological operations in Afghanistan. Psywarrior**.2006. Acesso em 30 Jul 2021. Disponível em: <http://www.psywarrior.com/Herbafghan.html>.

HADI, Hamid. **Afghanistan's Experiences: The History of the Most Horrifying Events Involving Politics, Religion, and Terrorism**. Author House, Carolina do Norte, 24 março 2016.

HEADQUARTERS, Department of the Army, FM 3-05.301, **Psychological Operations Tactics, Techniques, and Procedures**, Washington, DC, 31 Dez 2003. Acesso em Ago 2021. Disponível em <https://irp.fas.org/doddir/army/fm3-05-301.pdf>

LAMB, C. J. **Review of psychological operations lessons learned from recent operational experience**. 1. Ed, Whashington D.C: National Defense University Press, 2005. 82 f. Acesso em 13 Ago 21. Disponível em: <https://fas.org/irp/eprint/lamb.pdf>. Acesso em: 13 Mar. 2020.

LAWRENCE, Noor Afshan. **Como vencemos a guerra de informação no Afeganistão** Disponível em: <https://smallwarsjournal.com/jrnl/art/how-do-we-win-information-warfare-afghanistan>. Acesso em 15 Jul 2021

MUNOZ, Arturo. **U.S. Military Information Operations in Afghanistan: Effectiveness of Psychological Operations 2001-2010**. 1ª ed. Santa Mônica, CA: Rand Corporation, 2012. Acessado em : 02 Ago Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/10.7249/mg1060mcia.14>. Acesso em: 15 Jul 2021.

MERCEDES, Stephenson. **Information Operations in Afghanistan from 2001-2012**.University of Calgary PRISM: University of Calgary's Digital Repository Graduate Studies The Vault: Electronic Theses and Dissertations 2015-01-28 . Acesso em 02 Ago 2021. Disponível em https://prism.ucalgary.ca/bitstream/handle/11023/2034/ucalgary_2015_stephenson_mercedes.pdf?sequence=2&isAllowed=y)

NATO. **Allied joint doctrine for psychological operations (AJP-3.10.1)**, edição b, versão 1, Swindon-Wilts, Nato Standardization Office 2014. 89 p. Acesso em: 29 Jul 2021, Disponível:https://assets.publishing.service.gov.uk/government/uploads/system/uploads/attachment_data/file/450521/20150223AJP_3_10_1_PSYOPS_with_UK_Green_pages.pdf

PESSOA, Franklin P. **Como uma melhor integração das Operações Psicológicas com as células de assuntos civis e operações de informação pode melhorar a atuação contra as forças adversas**. 2017. 21 f. Ciências Militares. Gestão Operacional – Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, Rio de Janeiro, 2017.

PIMENTEL, J. L. S. Operações de apoio á informação na Amazônia, experiências colhidas. **Doutrina Militar Terrestre**, p.72-78, jun. 2015.

TZU, Sun, **A arte da guerra**. L&PM Pocket Editores, Porto Alegre, Vol. 207, 2006. 152p.

MYER, Gen Richard B Chairman of the Joint Chiefs of Staff, “**Policy on Public Affairs Relationship to Information Operations**,” memorandum, CM-2077-04, September 24, pag. 200

PAUL, 2008, p. 67. **Approaching this issue from a different perspective, Maj Tadd Sholtis makes various recommendations for dealing with the media and improving coordination among USMIL components in this area.**

PINCUS, Walter. “**New and Old Information Operations in Afghanistan: What Works?**” Washington Post, March 28, 2011. Acesso em 09 Jul 2021. Disponível em : http://www.washingtonpost.com/world/new-and-old-information-operations-in-afghanistan-what-works/2011/03/25/AFxNAeqB_story.html

NATO. “ISAF Commander Issues Counterinsurgency Guidance.” Acesso em, 10 Jul 2021. Disponível em: <http://www.nato.int/isaf/docu/pressreleases/2009/08/pr090827-643.html>.

ROCHA. Teixeira, **Operações psicológicas no afeganistão**. Lisboa, 2008.

RODRIGUEZ, Nuño J. **A guerra pela mente do público - Guerra psicológica**, Revista

Profissional da Força Aérea dos EUA, 1ª Edição, 2020. Acesso: 10 Ago 21, Disponível em: file:///C:/Users/janai/Downloads/02-Rodriguez_port.pdf

RICHTER. Richter, **Use Every Article in the Arsenal: Good Press Is a Legitimate Weapon**, Washington Post, 15 Jan 2006, p. 103–113.

SCOTT, Colonel Jeffrey, **Speed Versus Accuracy: A Zero Sum Game, 2010.** Acesso em 10 Ago 2021. Disponível em:

SHOLTIS, Maj Tadd, **“Planning for Legitimacy: A Joint Operational Approach to Public Affairs,”** Air and Space Power Journal, 08 Jun 2005.

SOBRAL, I., Correia, S., Sousa, F., Amorim, P. **O Afeganistão.** Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 2011.

SVET, Oleg. **“Fighting for a Narrative: A Campaign Assessment of the US-Led Coalition’s Psychological and Information Operations in Afghanistan,”** Small Wars Journal, 12 Set 2010.

VALE. Vinicius M. **Operações psicológicas no apoio à tropa: fatores de influência no moral das frações combatentes nas operações de apoio aos órgãos governamentais.** 2017. 21f. Ciências Militares. Doutrina Militar terrestre – Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, Rio de Janeiro, 2017.